



JOSÉ MEIRINHOS
ÁGUIA, A IMPORTÂNCIA DA ASSINATURA
(COMO UM PREFÁCIO)

Começada a publicar quinzenalmente em 1 de Dezembro de 1910, por iniciativa de Álvaro Pinto, *A Águia* é gémea da República, ou mesmo sua filha de gestação quase espontânea.¹ Na abertura não é evidente o propósito a que vem, que se explicita melhor pela prosa e poesia dos seus colaboradores. São poucos os textos que se entusiasma com a recentíssima implantação da República, aparte um contributo político-legal de Teixeira de Pascoaes que, «nesta sagrada ora da nossa História, em que o Povo Português, liberto, emfim! da escravidão e da corrupção monárquicas», se põe ao lado dos lavradores, essa «parte mais esquecida do nosso Povo» (p. 8a), e elabora uma proposta de alteração legislativa que proteja os direitos dos arrendatários rurais, projectando que o povo rural e agrícola «depois de *educado e libertado*, será a base indestrutível duma Democracia rústica e campestre»² (Nº 1, p. 8c).

Nas dezasseis páginas de formato médio que será o da primeira série de *A Águia* (10 fascículos entre Dezembro de 1910 e Julho de 1911, porque nem sempre conseguiu manter a anunciada periodicidade quinzenal) não se faz a reportagem do nascimento e instalação da República, preferindo-se, por vezes, a homenagem a vultos literários, como a prestada no segundo fascículo a Tolstoi, falecido a 20 de Novembro de 1910 (Nº 2, pp. 1-7). A intervenção é aqui e ali intempestiva, mas sem consequências, como no inquérito aos artistas portuenses sobre as cores da bandeira nacional, com uma única voz a quebrar a preferência unânime pelo azul e branco, que a República não reterá, tornando definitiva a então provisória bandeira verde e vermelha, que, como diz João Augusto Ribeiro, sugere «impressão material de aniquilamento», contrária ao regozijo que deveria atravessar estes «dias de triunfo democrático» (Nº 1, pp. 14c-15b).

Apesar do elogio aos homens superiores, a minoria criadora a quem cabe a tarefa de proclamar verdades que a maioria tem o direito de discutir e valorizar (p. 2b), em artigo de duas páginas de Manuel Laranjeira com que abre o primeiro número de *A Águia*, a revista nasce sem programa que não seja o da edição de inéditos literários e artísticos, anunciado na própria capa, que aliás se concretizará em rico pluralismo de expressões e géneros. Mesmo assim, o ensejo de intervenção política na formação da República é logo evidente na

¹ A revista pode ser consultada em versão digital integral no repositório da Biblioteca Nacional de Portugal: <http://purl.pt/12152>. As reproduções são de boa qualidade para consulta em ecrã, contudo, a Biblioteca Nacional prestou um mau serviço ao digitalizar exemplares com lacerações e desgastes resultantes do uso. O importante não é reproduzir os exemplares mal conservados da Biblioteca Nacional, mas sim exemplares que restituam na íntegra e em imagens bem alinhadas a edição original.

² Em todas as citações é mantida a grafia original. A inconstância da ortografia é tema de discussão interna, na 1ª série, fasc. 4, p. 10 (Armando Cortesão) e fasc. 5, pp. 7-9 (artigos de Teixeira de Pascoaes e Raul Proença).



carta aberta «As crianças e a Republica» que Ângelo Vaz dirige ao Ministro da Instrução António José de Almeida (Nº 2, pp. 14-16). Exorta-o a uma profunda reforma das instituições em prol das crianças para que «a Republica em Portugal seja sobretudo para ellas e, em especial, para os filhos dos humildes, dos pobres. Que o doloroso espectáculo de crianças sem abrigo, dormindo pelos portaes, tiritantes de frio e de fome, possa, dentro em breve, desaparecer da terra portuguesa» (p. 15c). O artigo abunda em propostas políticas e sociais, centradas na reforma sanitária, da assistência e da educação, que esperarão ainda por outras revoluções, muitas décadas depois, para começar a ser concretizadas.

A esperança nos efeitos civilizacionais da reforma do ensino como prioridade da República nascente, é uma constante nas páginas de *A Águia*. Jerónimo Leite, em «A Escola e a Republica» (Nº 1, pp. 10-11), traçara já a importância da educação da inteligência, mais que da memória, e entusiasma-se porque «a situação mudou radicalmente (...) eis-nos, enfim, senão de todo libertos pelo menos no limiar de uma nova e prometedora era, larga e luminosa» (p. 10b). Fazendo o elogio da democracia, mas ciente de que ela necessita do Direito para subsistir, propõe todo um programa de reforma para a instrução pública:

«É, pois, na Escola que a República encontrará a mais perfeita e sólida garantia da sua estabilidade. Mas, para que ela corresponda a este ideal, para que esse *desideratum* se atinja, de urgente e palpável necessidade é reformá-la completa e radicalmente, refundi-la *de fond en comble*, do primeiro grau de ensino primário ao último de ensino superior, estirpando-lhe o espírito jesuítico que a deprime com os seus vícios seculares, emancipa-la, odiernizá-la, fazer dela a mais preciosa alavanca do nosso rejuvenescimento moral, intelectual e físico» (Nº 1, p. 10c).

Recusando que o sistema se sobreponha e esmague o pensamento, reivindica espaço para a afirmação individual, criadora e contestatária, para «mudar radicalmente o espírito e o ideal da Escola» (p. 11a). A esperança dos tempos de mudança é sempre desmentida pela astúcia dos poderes e a incapacidade de os contrariar, mas durante mais de duas décadas estes homens irão à luta escrevendo em defesa de uma República mais justa e civilizada, ora mais empenhados, ora mais desencantados.

Interrompida ao fim de 10 fascículos, *A Águia* renasce 6 meses depois, em Janeiro de 1912, agora com o subtítulo “Órgão de A Renascença Portuguesa”. Diminui a dimensão para o formato de livro, aumenta o número de página, adopta um papel mais encorpado, conserva o apuro literário e a invenção gráfica enriquecida pela ilustração, incluindo agora o primor artístico e tipográfico das gravuras extra-texto. Na capa, a águia abandona o voo entre falésias e nuvens, ganha pose majestática, quase humana, com os pés em exígua terra de um quarto de hemisfério aquático. Sobretudo, *A Águia* ganha um programa, torna-se o órgão da recém fundada Renascença Portuguesa, sociedade que entre 1912 e 1915 publicará também o boletim *A Vida Portuguesa*. O manifesto “Renascença” (II série, Nº 1, pp. 1-3) é assinado por Teixeira de Pascoaes, o novo director literário,³

³ No início da segunda série Teixeira de Pascoaes é o director literário, António Carneiro é o director artístico, José Magalhães é o director científico e Álvaro Pinto, fundador e director da Iª série, é o secretário da redacção.



com um começo simultaneamente estizante e programático e que vincula o movimento ao momento histórico que o país vive:

«Neste momento genésico e cahotico da nossa Patria, é necessario que todas as forças reconstructivas se organizem e trabalhem, para que ala atinja rapidamente a sonhada e desejada harmonia.

O fim d’esta Revista, como órgão da “Renascença Portuguesa” será, portanto, dar *um sentido* ás energias intellectuais que a nossa Raça possui, isto é, coloca-las em condições de se tornarem fecundas, de pudermos realizar o ideal que, n’este momento histórico, abraza todas as almas sinceramente portuguesas: – Criar um novo Portugal, ou melhor, ressuscitar a Patria Portuguesa, arranca-la do tumulo onde a sepultaram alguns séculos de escuridade física e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram» (p. 1)

Destacam-se a seguir os momentos heróicos e milagrosos da história pátria, que exprimem a *alma portuguesa* cuja existência se quer demonstrar e cultivar: «Sim: a alma portuguesa existe, e o seu perfil é eterno e original» (p. 3). Será ela a dar nascimento a «um novo Portugal, mas português» para dilatar a civilização (p. 3). Por isso, o que nela importa é a potência genésica, a sua madura frutificação: «E n’esse momento mais divino que humano, a alma portuguesa gerou nas suas entranhas penetradas por uma luz celeste, a Saudade, a nebulosa do futuro Canto imortal, o Verbo do novo mundo português. (...) A Saudade é o próprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno» (p. 2).⁴

É aqui que propriamente nasce, nu e de transparente opacidade, este movimento de perfil eminentemente poético, literário e cultural, de profunda influência cívica, estética e filosófica sobre os tempos que hão-de vir. Embora não aspire à intervenção política, durante mais de duas décadas a palpitação da República passará por aqui. Uma inteira geração de literatos, professores, artistas tem em *A Águia* a sua periódica intervenção, o seu amparo nas polémicas em que o tempo é fértil. A orientação para o saudosismo, que Pascoaes imprime, não será partilhada por todos. Daqui, pelo apelo da dissidência que afirma as diferenças, hão-de nascer forças para criar novos movimentos, outras revistas.

No pequeno artigo da Wikipédia portuguesa consultável em Dezembro de 2010 sobre *A Águia*, refere-se, plausivelmente retomando-o de alguém que o escreveu antes, como característica comum da literatura publicada pela revista «o abuso de maiúsculas». A substantivação de adjectivos e a personificação de substantivos parecem ser, de facto, uma estratégia de descoberta de um carácter místico e mítico da língua portuguesa na sua ligação à ordem do cosmo, numa nova versão de platonismo semântico que torna reais as ideias formuladas na língua. A outra característica destacada nesse anónimo artigo é «a

⁴ Este manifesto é completado por outro curto texto a pp. 33-34 do nº 1 da II série, também assinado por Teixeira de Pascoaes, com o mesmo título e um subtítulo «Renascença (o espirito da nossa raça)», onde re-expõe a ideia da génese divina da *saudade* pela *alma portuguesa* como expressão do novo e da diferença, que os portugueses, ignorantes de si próprios, desconhecem. Na afirmação poética e ditirâmica de Pascoaes, é a *alma* de que a República precisa para se afirmar como pátria *puramente espiritual*.



preocupação musical» vertida em literatura, reduzindo-se contudo a sua única expressão ao uso de «frequentes aliteraões e onomatopeias». A música em *A Águia* é de facto mais profunda e renovadora que as figuras de estilo e de sintaxe deixam ver na superfície, como se pode constatar aliás pela atenção à revolução musical do século XIX no artigo de João da Silva Figueiredo sobre Hector Berlioz publicado no primeiro número (pp. 11-14).

A Águia é, sobretudo, o órgão literário e estético da Renascença Portuguesa. O braço político da Associação é *A Vida Portuguesa*, começada a publicar em 31 de Outubro de 1912, publicação muito mais efémera, com o 39º número a sair em Novembro de 1915 sem anunciar o seu fim abrupto.⁵ Este “quinzenário de inquerito à vida nacional” é dirigido por Jaime Cortesão e tem também Álvaro Pinto como secretário de redacção e administrador. Revista de intervenção cívica nas questões políticas, tem uma ambição muito mais explícita de reforma e formação cultural dos cidadãos. Para além da discussão de questões políticas, económicas e da vida sócio-cultural do país e da cidade do Porto, dá espaço nas suas páginas à divulgação científica e histórica. *A Vida Portuguesa* é sobretudo o órgão do movimento de criação de universidades populares, sobre as quais Jaime Cortesão escreve uma série de artigos⁶. Presente-se no diferente perfil das duas publicações, uma mais estetizante e saudosista, outra mais política e actuante, a tensão criadora que animava as várias orientações da Renascença Portuguesa. Com a personalidade forte e o génio criador dos seus protagonistas, não poderia ser de outro modo.

Um opção gráfica e artística torna visível ao olhar e ao entendimento o lugar de distinção e individualidade de cada colaborador. Numa época em que a imagem impressa ainda é escassa, em cada número vão esparsamente sendo publicadas gravuras com os retratos dos colaboradores de *A Águia*. A distinção está contudo nos nomes. Os artigos são assinados não apenas porque no final está o nome do seu autor, mas porque esse nome é destacado com a assinatura manuscrita de cada autor impressa em gravura. Apesar de se constituir como um movimento, portanto com partilha de princípios, orientações e objectivos, em *A Águia* a assinatura de cada artigo sempre foi graficamente realçada. Antes de serem as opiniões de *A Águia*, são as opiniões pessoais de cada autor, assinadas pelo seu punho. Não é necessária uma nota a dizê-lo, basta olharmos para o corpo manuscrito de cada nome para percebermos de modo mais profundo e silencioso que a assinatura interessa, a assinatura é até o que mais importa.

E que nomes nela assinam. Só a lista de directores ao longo da existência de *A Águia*, entre 1911 a 1932, inclui Álvaro Pinto, Teixeira de Pascoais, António Carneiro, Leonardo Coimbra, José Teixeira Rego, Hernâni Cidade, Adolfo Casais Monteiro, Sant’Anna

⁵ Versão digital integral em <http://purl.pt/284>

⁶ A série de artigos «Questões educativas. Universidades populares» prolongou-se pelos primeiros números, que têm paginação contínua: I (nº 3, pp. 19-20), II (nº 4, pp. 25-26), III (nº 5, pp. 33-34), IV (nº 6, pp. 41-42: sobre a Universidade Popular do Porto, com diversas actividades e cursos noticiadas no mesmo número e seguintes), V (nº 7, pp. 58-59), VI (nº 10, pp. 73-74). A apologia da Universidade Popular e o anúncio dos seus cursos e actividades serão uma constante de *A vida Portuguesa*. Na derradeira página de notícias do seu último número ainda se informa que o conselho de administração de A Renascença Portuguesa, em reunião não datada, «verificou estarem cursando as aulas já abertas da Universidade Popular 49 alunos, contando ainda abrir novos cursos» (Nº 39, de Novembro de 1915, p. 150a).



Dionísio, Aarão de Lacerda e Delfim Santos. Um friso poderoso de pensadores e de criadores literários e artísticos, de indelével influência na primeira metade do século XX português, no primeiro meio século da República, que, pelas respectivas obras, discípulos e iniciativas continuariam a marcar o restante século XX e, portanto, todo o primeiro século da República Portuguesa.

São os encontros e desencontros entre a República e *A Águia* (uma das faces da Renascença Portuguesa) que se pretendem realçar neste volume organizado por Celeste Natário e Renato Epifânio, que, com Miguel Real, também dirigem desde a *Nova Águia – Revista de cultura para o século XXI*, onde se retoma e relança o programa criador e de intervenção da primeira vida de *A Águia*, e onde também se encontram importantes contributos para a sua compreensão e estudo.

Reúnem-se aqui os contributos de autores que ao longo de 2010, ano de centenário da República Portuguesa e de *A Águia*, colaboraram em iniciativas do grupo de investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, que a professora Celeste Natário dirige no Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e que, com esta obra colectiva, dá mais um importante contributo para a compreensão do lugar da Filosofia na cultura portuguesa contemporânea.

Com novas e sugestivas leituras, compõe-se neste volume uma introdução ao estudo contextualizado de *A Águia* e da Renascença Portuguesa, enquanto expressões de um empenhamento simultaneamente literário, artístico e político, no diálogo e recontros dos seus autores com os ideários e os bloqueios da República. O espectro dos estudos é amplo, abraçando a poética de *A Águia* e do mentor do saudosismo (contributos de José Carlos Seabra Pereira, de Nuno Júdice, de Fernando Guimarães), o perfil temático e intelectual de *A Águia* (contributos de Afonso Rocha e de José Gama), a intervenção cultural, política e económica (contributos de Rita Correia, de Elias J. Torres Feijó, de Ernesto Castro Leal, de António José Queiroz, de Maria Celeste Natário), a criação plástica (contributo de António Cardoso), a dissidência e a fecundidade criadora de movimentos e tendências (contributos de Renato Epifânio e de Miguel Real), as interpelações actuais da *saudade*, tema central das páginas de *A Águia* pascoaliana (contributo de Pedro Baptista).

A leitura e a compreensão de *A Águia* têm aqui mais um indispensável volume de apoio, que evidencia também os impasses, hesitações e perplexidades da fundação da República e das suas primeiras décadas de existência. *A Águia* deixou nela a sua assinatura, cuja importância este volume nos ajuda a compreender melhor.

